

Fil.

Professor: Larissa Rocha e Gui de
FRanco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

Nietzsche e o niilismo

Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) foi um importante filósofo alemão que, aproveitando determinados aspectos das obras de filósofos que lhe precederam, tais como David Hume e Espinosa, levanta críticas à tradição filosófica que sempre valorizou a racionalidade e a consciência como sendo superiores aos desejos e às paixões humanas. Essa tradição filosófica criticada por Nietzsche remonta aos diálogos de Platão e, sobretudo, à figura de Sócrates, que teria sido o grande responsável pela valorização exagerada – do ponto de vista nietzschiano – da razão como controladora das paixões e dos desejos.

Nesse sentido, tal tradição levou os filósofos e as pessoas em geral a acreditar na superioridade da alma e da consciência em relação ao corpo e aos instintos. É justamente nesse contexto teórico que se insere o pensamento de Nietzsche que, juntamente com Freud e Marx, é considerado por Paul Ricoeur como um dos grandes “mestres da suspeita.” **A grande suspeita de Nietzsche é em relação à moral tradicional** e seus conceitos universais de “bem” e de “mal” que, segundo ele, levam a um enfraquecimento do homem. Por conta disso, faz-se necessário recuperar as forças vitais e os instintos que foram subjugados durante séculos por uma razão que controla e domestica o homem.

A desconfiança em relação aos instintos e ao corpo teria surgido com Sócrates, culminando no **Cristianismo. É nesse sentido que o filósofo afirma que “o cristianismo é o platonismo para o povo”, ou seja,** o pensamento ético cristão seria nada além de uma repetição das ideias gerais que já constavam na filosofia platônica, de modo a que todos pudessem compreendê-las. Sob o domínio dessa moral tradicional o homem torna-se doente e culpado, ele renuncia à vida na esperança de algo melhor num mundo transcendente.

Assim, Nietzsche valoriza a vida aqui e agora, os instintos e os desejos, o corpo e a superação dos obstáculos, o que pode nos levar a atingir o além-do-homem (Übermensch). O sujeito além-do-homem (ou super-homem) é aquele que se permite reavaliar os valores, desprezando aqueles que o enfraquecem e os substituindo por valores que estejam comprometidos com a vida, com o aumento da nossa potência. A vontade de potência ou vontade de poder pode levar a confusões: Pode-se acabar pensando que Nietzsche estaria defendendo o poder desenfreado que um homem utiliza para dominar outros homens. No entanto, não é disso que se trata, mas unicamente da recuperação das forças vitais que, anteriormente, se encontravam entorpecidas. O que o filósofo alemão defende é que possamos dizer sim à vida, sem que tenhamos que guiá-la por conceitos abstratos e universais ou pela crença em uma vida perfeita num mundo superior.

Nietzsche foi considerado por alguns como um pensador *niilista*, no sentido de que ele não acreditaria em nada. O termo *niilismo* vem do latim *nihil*, que significa “nada”. **No entanto, essa não é uma avaliação correta do pensamento nietzschiano.** O filósofo atribuiu o *niilismo* não ao seu próprio pensamento, mas sim à moral decadente dos valores tradicionais, que leva o homem à mediocridade, a se constituir não como um homem forte e autêntico, mas como homem de rebanho, igual a todos os outros. O *niilismo*, portanto, diz respeito à perda de sentido da moral tradicional e de seus valores universais que, a partir desse momento histórico, deixam de ser compreendidos como valores seguros e absolutos.

EXERCÍCIOS

1. Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhado amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar!

NIETZSCHE. F. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez

que

- a) reforça a liberdade do cidadão.
- b) desvela os valores do cotidiano.
- c) exorta as relações de produção.
- d) destaca a decadência da cultura.
- e) amplifica o sentimento de ansiedade.

2. A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: *Tudo é um*.

NIETZSCHE, F. Crítica moderna. In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural. 1999

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

3. No livro de 1872, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche dizia a respeito de Sócrates e Platão:

Aqui o *pensamento filosófico* sobrepassa a arte e a constrange a agarrar-se estreitamente ao tronco da dialética. No esquematismo lógico crisalidou-se a tendência *apolínia*: como em Eurípedes, cumpre notar algo de correspondente e, fora disso, uma transposição do *dionisiaco* em afetos naturalistas.

NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 89 – grifos do autor.

Considerando o comentário de Nietzsche,

- a) descreva as duas forças antagônicas: *apolínia* e *dionisiaco*.
- b) explique em que o pensamento filosófico difere da atividade artística.

4. Ao declarar que “a moral e a religião pertencem inteiramente à *psicologia do erro*”, Nietzsche pretendeu

- a) **destruir os caminhos que “a psicologia utiliza para negar ou afirmar a moral e a religião”.**
- b) **criticar essa necessidade humana de se vincular a valores e instituições herdadas, já que “o Homem é forjado para um fim e como tal deve existir”.**
- c) **denunciar o erro que tanto a moral quanto a religião cometem ao confundir “causa com efeito, ou a verdade com o efeito do que se considera como verdade”.**
- d) **comprovar que “a moral e a religião estão no imaginário coletivo, mas para se instalarem enquanto verdade elas precisam ser avalizadas por uma ciência institucionalizada”.**

5. Na filosofia de Friedrich Nietzsche, é fundamental entender a crítica que ele faz à metafísica. Nesse sentido, é CORRETO afirmar que essa crítica

- a) tem o sentido, na tradição filosófica, de contentamento, plenitude.
- b) é a inauguração de uma nova forma de pensar sem metafísica através do método genealógico.
- c) é o discernimento proposto por Nietzsche para levar à supressão da tendência que o homem tem à individualidade radical.
- d) pressupõe que nenhum homem, de posse de sua razão, tem como conceber uma metafísica qualquer, que não tenha recebido a chancela da observação.

3

III.

B

6. “Os leitores de jornais dizem: este partido foi destruído devido a esta ou aquela falta que cometeu. Minha política superior contesta: um partido que comete esta ou aquela falta agoniza, não possui a segurança do instinto”.

Esse comentário é emblemático e foi propalado por

- a) Joaquim Barbosa, ao condenar cinco réus na sua primeira leitura no escândalo político do mensalão, que assombra o país desde 2005.
- b) Friedrich Nietzsche, ao buscar a explicação para o erro da confusão entre a causa e o efeito.
- c) Jean-Paul Sartre, referindo-se ao partido comunista do início do século XX.
- d) Thomas Hobbes, ao defender o unipartidarismo absoluto.

7. Texto 1

O ser humano é a flor do céu que desabrochou na Terra. Sua semente foi plantada por Deus, sua bela imagem foi projetada por Deus e seu perfume agradável foi também presenteado por Deus. Não devemos perder essa bela imagem nem o agradável perfume. Nosso belo desabrochar é a manifestação da glória de Deus.

(Seicho-no-ie do Brasil. *Palavras de luz*, 2013.)

Texto 2

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais **soberbo e mais mentiroso da “história universal”**: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza, congelou-se o astro e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido.

(Friedrich Nietzsche. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Adaptado.)

Os textos citados apresentam concepções filosóficas distintas sobre o lugar do ser humano no universo. Discorra brevemente sobre essas diferenças, considerando o teor antropocêntrico dos textos.

8. Com a emergência da época moderna, a partir do Séc. XVII, ocorreram diversas mudanças cruciais no plano filosófico, científico e religioso que mudaram a forma de o ser humano compreender a si mesmo, o universo e a sociedade. Nesse sentido, pode-se inferir que:

- a) a religião foi substituída por uma visão de mundo filosófico-científica inspirada nos pensamentos de Marx, Nietzsche, Freud e Darwin.
- b) no plano da filosofia, da ciência e da religião, observa-se uma maior liberdade e autonomia do homem para interpretar o mundo natural, social e religioso.
- c) o processo de secularização e racionalização promoveu duas visões de mundo concorrentes – o racionalismo e o cientificismo.
- d) ocorre uma unificação do pensamento filosófico, científico e religioso, promovendo uma indiferenciação dentro do próprio conhecimento.

9. Ao afirmar que “uma explicação qualquer é preferível à falta de explicação”, Nietzsche quer

- a) fundamentar a ideia de que a sensação se prolonga como um eco, o que é imprescindível para se compreender a causa de um fato qualquer.
- b) dizer que a imaginação antecede a qualquer impressão sobre o fato e, portanto, ela deve ser instrumentalizada.
- c) dar uma explicação psicológica para o erro das causas imaginárias.
- d) reafirmar a noção de causalidade apregoada no século XVIII.

10. O que motivou a crítica de Nietzsche à cultura ocidental a partir de Sócrates foi
- a) a atitude niilista de Sócrates de recusar a vida e optar por ingerir a letal dose de cicuta.
 - b) a busca e aferição da verdade por meio de um método que Sócrates denominou de maiêutica.
 - c) o fato de Sócrates ter negado a intuição criadora da filosofia anterior, pré-socrática.
 - d) a total falta de vinculação da filosofia socrática aos preceitos básicos de uma lógica possível, o que o tornava obscuro.
11. Na perspectiva nietzscheana, o livre-arbítrio é um erro porque
- a) ao declarar que os homens são livres, as forças coercitivas, como o poder da Igreja, agem com o claro intuito de castigá-los, julgá-los e declará-los culpados.
 - b) os homens, indignos como são, jamais alcançarão a dimensão da ideia implícita no livre-arbítrio.
 - c) o cristianismo, apesar de seus esforços candentes, não conseguiu tirar a culpa do ser humano.
 - d) a fatalidade impressa no ser humano está na sua historicidade, no seu livre-arbítrio, e por isso mesmo o Homem está condenado à culpa.
12. O pensamento de Nietzsche (1844 - 1900) orienta-se no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais, instintivas, subjugadas pela razão durante séculos. Para tanto, critica Sócrates por ter encaminhado, pela primeira vez, a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Nietzsche faz uma crítica à tradição moral desenvolvida pelo ocidente. Marque a alternativa que indica as obras que melhor representam a crítica nietzscheana.
- a) *Para além do bem e do mal, Genealogia da moral, Crepúsculo dos ídolos.*
 - b) *Para além do bem e do mal, Genealogia da moral, República.*
 - c) *Leviatã, Genealogia da moral, Crepúsculo dos ídolos.*
 - d) *Microfísica do poder, Genealogia da moral, Crepúsculo dos ídolos.*

GABARITO

Exercícios

1. d
O niilismo de Nietzsche é acompanhado por uma profunda crítica à cultura e à filosofia moderna. Na ausência de esperança, o que resta ao homem ocidental é dar-se conta de sua finitude, tal como apresenta a alegoria do texto da questão.
2. c
Pode-se dizer que a filosofia grega, em seu início, esteve preocupada com a origem das coisas, em especial da natureza. É essa uma das características que Nietzsche diagnostica e que está bem destacada na afirmativa [C].
3. a) Nietzsche recorre a mitologia grega para caracterizar a arte na trágica na Grécia. Sendo assim, Dionísio representa a embriaguez, os instintos, o comportamento desmedido e as ações motivadas pela emoção. Apolo representa a sobriedade, a ordem, o equilíbrio, a harmonia e a razão. Estas forças representam antagonicamente a tensão artística sendo que ambas se complementam e não existem por si só, mas somente em conjunto. Desta maneira, a arte é composta pela tensão entre estas forças.
b) A separação de Nietzsche se faz clara para ele na relação entre filosofia e arte. Para o pensador a filosofia é representada pela figura de Apolo (sobriedade, ordem, equilíbrio, harmonia e razão) enquanto que a arte é representada pela figura de Dionísio (embriaguez, instintos, comportamento desmedido e ações motivadas pela emoção). Desta maneira, o conhecimento filosófico representa uma atividade pautada pelo uso da razão, já a atividade artística é pautado pelo uso dos instintos e emoção.
4. c
O erro da confusão de causa e consequência está em toda tese formulada pela moral e pela religião, quer dizer, a razão doente considera erroneamente que o procedente está antes do precedente, por exemplo, a causa da felicidade é a vida virtuosa – diz a moral e a religião –, quando, ao contrário, a felicidade mesma é quem permite o sujeito agir virtuosamente.
5. b
O método genealógico de Nietzsche impõe em última instância que nada é sagrado, isto é, nada é separado deste mundo e tudo possui uma origem artificial e artificiosa. Desse modo, não há maneira de afirmar nenhuma espécie de transcendental; tudo possui uma origem imanente e se afirma a si mesmo. A genealogia expõe essas origens e desmascara os dogmatismos disfarçados de verdade última que desvela a realidade do mundo.
6. b
O partido comete a falta porque já estava primeiramente destruído. A verdadeira educação moral leva à segurança do instinto. Seguindo o corpóreo como fio condutor, Nietzsche crê descrever o processo fisiológico mesmo. E isso em vista da *espiritualização da paixão*, como se essa decorresse naturalmente dos processos fisiológicos. Com o conceito de espiritualização ele retorna ao problema da moral numa moralização afirmadora. A vontade de poder como moral pode ser compreendida como uma moralização positiva dos impulsos, do instinto.
7. A principal distinção entre as concepções (uma religiosa e a outra filosófica) é a antropologia que cada **uma propõe. A primeira oferece uma noção de homem gloriosa: “nosso belo desabrochar é a manifestação da glória de Deus”; a segunda oferece uma noção de homem niilista: “houve eternidades em que ele não estava; quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido”**. A primeira é totalmente antropocêntrica, já a segunda nega tal centralidade. A primeira é problemática, pois exalta o homem com uma euforia viciante e possibilita em contrapartida um egoísmo nocivo capaz de ofuscar questões importantes. A segunda é problemática, pois nega totalmente um sentido para a existência e priva o sujeito de motivação. Todavia, ambas abrem possibilidades; a primeira oferece a construção de uma vida

em harmonia com a glória de Deus, e a segunda oferece a possibilidade de fortalecimento do homem enquanto quem constrói conscientemente o mundo a partir da sua liberdade inexplicável natural.

8. b

A modernidade estabelece algumas quebras de vínculo com a tradição católica que liberam o pensamento do homem europeu para reflexões determinadas autonomamente. O Protestantismo, a filosofia racionalista em oposição à escolástica e o nascimento da ciência moderna em forte contraposição aos dogmas da Igreja Católica constituem movimentos fortes contra a autoridade eclesiástica e a favor de uma mudança na forma do ser humano compreender a si mesmo, a sociedade e o universo.

9. c

A passagem do enunciado está inserida no texto *O Crepúsculo dos Ídolos*, e está relacionada à explanação que Nietzsche faz a respeito dos quatro erros, mais especificamente o erro das causas imaginárias, que serve para tranquilizar os homens.

10. c

Nietzsche possui uma crítica muito forte ao ponto de partida do pensamento racionalista promulgado por Sócrates e perpetuado por Platão. O filósofo alemão tem inúmeras ressalvas ao estilo grego, às **idealizações, à primazia da ideia do “bom”, àquilo que ele chama de falta de coragem ante a realidade: “Desse lamentável embelezamento e idealização dos gregos, que o jovem de “formação clássica” leva para a vida como prêmio por seu treino ginásial, disso nada cura tão radicalmente como Tucídides. É preciso revirá-lo linha por linha e ler seus pensamentos ocultos tanto quanto suas palavras: há poucos pensadores tão pródigos em pensamentos ocultos. Nele acha expressão consumada a cultura dos sofistas, quero dizer, cultura dos realistas: esse inestimável movimento em meio ao embuste moral e ideal das escolas socráticas, que então irrompia em toda parte. A filosofia grega é como a decadência do instinto grego; Tucídides como a grande suma, a revelação última da forte, austera, dura facticidade que havia no instinto dos velhos helenos. A coragem ante a realidade é o que o **distingue**”.**

(F. Nietzsche. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006)

11. a

O livre-arbítrio é criticado por Nietzsche como uma forma de tornar os homens culpados diante da humanidade. Nisso está contida também uma crítica à Igreja enquanto instituição, tal como afirma a alternativa [A].

12. a

A República é uma obra de Platão, *Leviatã* de Thomas Hobbes e *Microfísica do Poder* foi escrita por Michel Foucault. Sendo assim, a alternativa [A] é a única que cita somente obras escritas por Friedrich Nietzsche.